

Charles III é coroado com rituais do século 11 e um pé na modernidade

— Oito meses após a morte de Elizabeth II, britânicos concluem sucessão em cerimônia que mescla a tradição milenar com a pluralidade de um novo tempo

LONDRES

Charles III foi coroado ontem rei dos britânicos, oito meses após a morte de sua mãe, a rainha Elizabeth II. A cerimônia seguiu um ritual que se repete desde o século 11, mas desta vez realizada em uma metrópole do século 21 e com um punhado de concessões à era moderna.

“Não vim para ser servido, mas para servir”, disse Charles na abertura da cerimônia, iniciando um ritual intimista, mas carregado de tradição e simbolismo. O rei, de 74 anos, foi ungido com óleo sagrado, simbolizando a natureza divina de seu governo.

Ele estava vestido com o manto imperial e recebeu do arcebispo de Canterbury a velha coroa de São Eduardo, último rei da Casa de Wessex, no século 11, em meio a gritos de “God save the king” (“Deus salve o rei”).

Na abadia, Charles jurou governar o Reino Unido e os 15 países da Commonwealth, a comunidade britânica, onde

Charles também é chefe de Estado. Ele prometeu ainda “fazer com que a lei e a justiça, em misericórdia, sejam executadas” no Reino Unido.

O príncipe William, primeiro na linha de sucessão ao trono, ajoelhou-se perante ao pai e também prestou sua homenagem. “Eu, William, príncipe de Gales, prometo minha lealdade a você”, disse o príncipe, que encostou na coroa e deu um beijo no pai.

EMOÇÃO. Em uma concessão à modernidade, o arcebispo de Canterbury, Justin Welby, encorajou o rei a defender todas as fés e crenças – uma modificação importante na liturgia da coroação, já que a Igreja Anglicana e o Palácio de Buckingham tentaram adaptar o ritual de mil anos ao mundo pluralista de hoje.

Acompanharam a cerimônia cerca de 2.300 pessoas, rostos jovens que se misturaram a velhos aristocratas, um esforço de Charles para combinar a imagem de um reino moderno e multicultural com a identidade dinástica da monarquia.



Charles é coroado pelo arcebispo de Canterbury em Westminster

Entre os convidados, ícones da música pop, como Lionel Richie e Katy Perry, circularam ao lado de mais de 100 líderes mundiais, incluindo o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, e a primeira-dama Janja da Silva, que se sentaram perto do francês Emmanuel Macron.

A cerimônia não escondeu das tensões familiares. Após anos

de atritos e detalhes constrangedores divididos com o público, o príncipe Harry compareceu à coroação do pai sozinho. Sua mulher, a atriz Meghan Markle, duquesa de Sussex, ficou na Califórnia com os filhos, o príncipe Archie, que faz 4 anos no sábado, e a princesa Lilibet, de 1 ano.

Durante a cerimônia, Harry passou a maior parte do tempo

sozinho, confinado à terceira fila da Abadia de Westminster, onde sentou-se ao lado de suas primas Beatrice e Eugenie, filhas do príncipe Andrew – que também foi perseguido por seus títulos reais após um escândalo de tráfico sexual.

CELEBRAÇÕES. Dezenas de milhares de pessoas se apertaram no centro de Londres, apesar da chuva, para ver o rei e a rainha, que se locomoveram lentamente do Palácio de Buckingham até a Abadia de Westminster na carruagem real, escoltados por quatro divisões de um regimento de cavalaria.

A procissão da coroação contou com 19 bandas militares e 4 mil soldados, estendendo-se por um quilômetro e meio para fora dos portões do palácio – a maior mobilização desde a coroação de Elizabeth II, em 1953.

No fim, o rei e a família real apareceram na varanda de Buckingham para acenar aos súditos, enquanto caças e helicópteros cortavam os céus de Londres, o grand finale de uma festa que os britânicos não viam há 70 anos. ● NYT, AP e WP

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional Caderno: A Página: 13